

Autorretratos: autoimagens de diretores

Palavras-Chave: *autorretrato; autoimagem; diretor; cinema; teatro*

São relativamente comuns peças de teatro ou filmes nos quais os próprios diretores das obras aparecem em algumas cenas. Na grande maioria desses casos, eles comportam-se como atores, representando a determinadas personagens. No entanto, há alguns casos em que diretores representam mais “a si mesmos”, ou a uma imagem que gostariam de construir acerca deles próprios, do que possuem um papel como o de qualquer outro ator. É essa possibilidade que esta comunicação pretende abordar.

Certamente, trata-se de uma opção estética que pode ser entendida como uma quebra de quarta parede, como um movimento de distanciamento capaz de lembrar aos espectadores de que, a despeito dos possíveis graus de imersão na trama ou de identificação com as personagens, está-se perante uma obra de ficção. Já há farta bibliografia, especialmente a partir das reflexões brechtianas, que toma esta via teórica como base para suas reflexões.

O que se propõe aqui é uma via alternativa: a de que a noção de autorretrato, tão marcante na pintura desde o Renascimento, possa ser uma chave para o entendimento do que está em jogo quando o diretor resolve “mostrar-se” perante seus espectadores. Por mais que uma série de filmes ou peças, onde esta situação aconteça, não possa ser resumida à construção de uma autoimagem, isso não significa que este ponto de vista não possa conter questões fundamentais acerca de determinados trabalhos. Para manter-se ainda no campo da pintura, ninguém diria que “As Meninas” são apenas um autorretrato de Velázquez; contudo, uma análise do quadro que desprezasse o fato de que há uma autorrepresentação na imagem, seria incapaz de perceber boa parte das leituras que a obra pode oferecer.

Para esta fala, focar-se-á em quatro diretores distintos que, em mais de uma encenação ou filmagem, fizeram-se presentes como “si mesmos”: o brasileiro José Celso Martinez Corrêa, o polonês Tadeusz Kantor, o britânico Alfred Hitchcock e o iraniano Jafar Panahi. A organização e as temáticas das obras são as mais variadas possíveis, assim como a forma de aparição e produção da autoimagem em cada um desses universos artísticos. Ainda assim, os quatro artistas compartilham da estratégia

comum de transformar a própria aparição em cena como um meio de produção e reflexão acerca dos possíveis espaços simbólicos entre artista e sociedade. José Celso investe-se de poderes xamânicos; Hitchcock faz aparições ironicamente irrelevantes frente aos crimes que se desenvolvem no roteiro; Kantor anda em cena de um lado para o outro como um maestro irritado com o que vê; enquanto Panahi literalmente toma a direção de um automóvel, fazendo-se de motorista, enquanto conversa sobre uma série de assuntos com suas personagens.

Sem dúvida, há em cada um deles uma abordagem diferente sobre os possíveis espaços artísticos junto à vida social. Entretanto, não se tratará aqui de optar entre uma dessas possíveis (auto)imagens produzidas pelos artistas como a que contém em si a percepção mais adequada da relação entre arte e sociedade, mas de ver nessas quatro possibilidades distintos topos – entorno dos quais tanto esses, como muitos outros artistas, constroem suas identificações e expectativas perante a coletividade. Embora não se planeje afirmar que há quatro e apenas quatro respostas a esta questão, a extensão temporal desse grupo – dos final dos anos 50 até hoje –, assim como a geográfica, atravessando países tão distintos no ocidente, pretende demonstrar que há, dentro da arte contemporânea ocidental, algumas narrativas e imagens com as quais os artistas têm se identificado com bastante frequência. Mesmo que a breve exposição destas não permita uma reflexão mais alongada sobre o tema, acredita-se que os casos expostos possuam um certo valor paradigmático.

Bibliografia Resumida

ARASSE, Daniel. *Le Détail*. Paris : Flammarion, 2014

BOND, Antony ; WOODALL, Joanne (org.). *Self Portrait – Renaissance to Contemporary*. London: National Portrait Gallery, 2005.

CALABRESE, Omar. *L'Art de l'Autoportrait*. Paris : Citadelle & Mazenod, 2006.

ECKHARD, Neumann. *Mitos de Artista*. Madrid: Tecnos, 2016.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HEINICH, Nathalie. *Être Artiste*. Paris : Klincksieck, 1996.

JUNOD, Phillipe. L'atelier comme Autoportrait. In : GRIENER, P. ; SCHNEEMAN, P. (org.) *Images de L'artiste*. Berna: Peter Lang, 1998

KRIS, Ernst; KURZ, Otto. *Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista*. Lisboa: Presença, 1988.

LEVEY, Michael. *The Painter Depicted*. London: Thames and Hudson, 1981.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Estetização do Mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.